

## A CAMPOS DOS GOYTACAZES PARATÓPICA NA CRIAÇÃO CRONÍSTICA

*Williane de Sá Marques* (UENF)  
[ullimarques@gmail.com](mailto:ullimarques@gmail.com)  
*Sérgio Arruda de Moura* (UENF)  
[arruda@uenf.br](mailto:arruda@uenf.br)

O conceito de “paratopia” foi cunhado por Dominique Maingueneau (2018) a fim de compreender o espaço de desenvolvimento da literatura para além do espaço social e institucional ocupados pelos escritores no campo literário. A paratopia seria, então, uma localidade paradoxal, próxima, mas distante da realidade tangível, um espaço da criação. Tendo essa conceituação como base, entende-se que a crônica, gênero textual híbrido entre a literatura e o jornalismo, realiza-se por meio do topos (do lugar físico e simbólico), ao tratar de temas e elementos reais, e do paratopos (da criação do cronista), por permitir a ficcionalidade a partir desses temas e elementos. Neste artigo, analisa-se discursivamente a crônica “Corredor memória de Campos”, escrita pelo jornalista e escritor Vitor Menezes, e publicada no último ano de circulação do centenário jornal Monitor Campista. Nela, o cronista busca evocar a memória dos campistas e enaltecer o patrimônio histórico e cultural daquela região. Ele cria, nesse exercício paratópico, uma realidade fictícia, ancorada na realidade tangível, em que a memória e a história local são prestigiadas a ponto de a Baixada Campista, região do município de Campos dos Goytacazes, ser considerada um ponto turístico. Conclui-se que o cronista, por meio da paratopia, aponta uma falta ao mesmo tempo em que constrói um discurso performativo ao reconhecer e legitimar a cidade real.

Palavras-chave:

Crônica. Paratopia. Análise do Discurso.